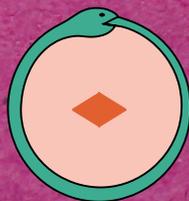
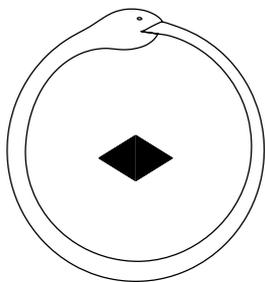


UMA VIDA A
DESENHAR ÁRVORES
Emanuele Coccia e Francis Hallé



cadernos
SELVAGEM



UMA VIDA A DESENHAR ÁRVORES

Emanuele Coccia e Francis Hallé

Entrevista com Francis Hallé por Emanuele Coccia

Amante das árvores e das plantas, especialista em florestas tropicais e árduo defensor das matas virgens, Francis Hallé é testemunha privilegiada da incrível riqueza da natureza, bem como de sua fragilidade frente aos seres humanos. Há mais de sessenta anos esse botânico viajante passa a vida junto às árvores. Se por um lado ele as estuda cientificamente, por outro, também dirige a esses seres vivos um olhar maravilhado. Entre contemplação e rigor metodológico, ele desenha suas flores, folhagens e também sua arquitetura nos preciosos cadernos que o acompanham desde o primeiro dia. É seu modo, muito particular, de ir verdadeira e intimamente ao seu encontro.

EMANUELE COCCIA: Francis, você percorreu o mundo e suas florestas tropicais, observou e desenhou milhares de árvores, catalogando-as em cadernos preciosos. Eu não ousaria imaginar o número de espécies e de árvores que você deve ter na memória. Mas mesmo assim estou curioso: qual é a sua primeira lembrança de árvore?

FRANCIS HALLÉ: Eu tinha 4 anos e a França estava ocupada pela Alemanha. Minha família não podia permanecer em Paris. Nós nos mudamos a quarenta quilômetros da capital, em um hectare de floresta e de jardim. Nós éramos nove: meus pais, eu e meus irmãos. Graças a esse pequeno terreno, não só vivemos muito bem durante a guerra, como também pudemos ajudar nossos vizinhos. Eu pensei que poderíamos satisfazer a todas as nossas necessidades com um pedacinho de floresta e uma horta. Eu me lembro principalmente de uma castanheira, não muito grande, em que eu subia. Quem escala uma árvore dessas sobe facilmente em um grande pinheiro Larício da Córsega de pelo menos quarenta metros de altura. As árvores me pareciam estradas fáceis e

acolhedoras. Era toda uma paisagem e uma maneira de ver o mundo de cima. Todo o trabalho que fiz posteriormente sobre o dossel¹ está ligado a memórias de infância.

EMANUELE COCCIA: Esse foi o momento em que você decidiu dedicar sua vida às árvores?

FRANCIS HALLÉ: Isso aconteceu bem depois. Quando entrei na Sorbonne de Paris, eu não me interessava tanto pelas plantas e sim pelos animais, como 99% dos estudantes, aliás. Hoje eu gosto dos animais mas não consigo levá-los a sério porque eles se movem o tempo todo. E digo mais: eu mesmo sou um animal e se me mostram algum, mesmo sem conhecê-lo, posso identificar várias coisas sobre ele. Não sou zoólogo, mas sei como ele se locomove, sei reconhecer a frente e a traseira, as patas, as costas, sei que ele tem dois perfis idênticos para poder virar-se à esquerda e à direita. Sei que se eu der comida ele ficará contente e que se eu bater palmas ele vai ter medo e fugir.

Quando era estudante, eu morava perto do boulevard Raspail. Na minha varanda cresceu uma pequena planta sem que eu tivesse cuidado dela. Eu não sabia o que aquilo poderia ser, eu sequer sabia que algo assim poderia ter um nome. A planta sobreviveu graças à chuva parisiense. Ao longo de um ano eu a vi crescer, produzir belas flores, de estética pura e rigorosa, gerar sementes e se reproduzir. No ano seguinte, já tinha dela por todos os vasos. Era mágico!

Nessa época, eu achava que uma árvore deveria ter folhas. Aprendi ao longo dos meus estudos que algumas delas não tinham. Nas regiões tropicais há muitas árvores que não têm folhas mas ainda assim estão vivas. Foi nesse momento que a planta me pareceu muito mais interessante do que o animal. Eu não sabia nada sobre elas, tudo ainda estava por ser descoberto.

EMANUELE COCCIA: É uma espécie de encantamento, de encontro estético, que o animal não é capaz de provocar.

1. Termo botânico que se refere à cobertura que se forma pelo encontro das copas das árvores.

FRANCIS HALLÉ: Exatamente. Para mim as árvores são muito mais belas do que os animais. Esses últimos fazem cocô, gritam, e quando morrem, cheiram terrivelmente mal. Enquanto que uma árvore quando morre não cheira mal – porque há menos enxofre em suas moléculas. Eu me pergunto se a primeira relação com as árvores não é inicialmente estética, antes mesmo de ser científica. Quando encontramos uma bela árvore é simplesmente extraordinário.

EMANUELE COCCIA: É por achar as árvores extraordinárias que você teve vontade de desenhá-las?

FRANCIS HALLÉ: Meu avô materno sempre desenhou árvores, mas unicamente por prazer estético. Ele era parisiense, como eu, mas trabalhava na Bretanha. Ele passou a vida a desenhar, pintar e a fazer gravuras sobre a Bretanha. Eu passei a minha a desenhar árvores com uma preocupação um pouco diferente, mas existe uma clara ligação. Eu adorava o meu avô. Para mim, desenhar é uma maneira normal de representar as coisas.

EMANUELE COCCIA: No fundo, o botânico sempre precisou de uma mediação estética.

FRANCIS HALLÉ: Os botânicos sempre desenharam – na Universidade de Pádua, vi coleções magníficas de desenhos antigos de plantas! Parece-me que os entomologistas também desenhavam, mesmo que hoje eles utilizem a fotografia. O recurso fotográfico não pode ser aplicado à botânica pois não se pode separar a planta do seu ambiente. Outra razão, bem mais importante, é que as árvores são estruturas extremamente complexas e imensas. Fotografar em 1/50 segundos não é suficiente para conhecer a árvore. Eu trabalho no coração da floresta e às vezes levo uma manhã inteira para desenhar uma árvore. Eu ando em volta dela, vejo de frente, de lado, de baixo, de cima. Todos os ângulos são bons. Perguntas vêm à minha mente e as respostas aparecem diante dos meus olhos. É preciso tempo para se familiarizar com uma árvore e a fotografia é excessivamente veloz.

Quando desenho uma árvore, quando registro as formas externas das plantas, tenho a impressão de estar no meu habitat, de estar cumprindo a minha missão na Terra. Eu esqueço do tempo.

EMANUELE COCCIA: Você perde a noção do tempo porque desenha as árvores em cada detalhe? Você faz um rascunho antes de passar ao desenho?

FRANCIS HALLÉ: Em campo eu tomo notas e faço vários esboços a lápis em cadernos. No início da minha carreira, eu usava pequenos cadernos que encontrava nos países que eu visitava, em papelarias comuns, nas esquinas, mas todos eram muito frágeis. Agora, com a experiência, prefiro cadernos grandes, com papel branco, reforçados e com fecho magnético.

Quando volto ao acampamento ou quando estou em um laboratório com uma mesa, faço a síntese dos meus esboços e das minhas anotações. Eu retomo alguns dos desenhos com caneta hidrográfica ou esferográfica. Não coloro os desenhos em campo, é quase impossível. A cor eu adiciono quando estou em casa. Fazer aquarela quando se está em uma floresta tropical, debaixo de chuva, não é cômodo. Eu até consigo, mas preciso de condições particularmente boas.

Originalmente todos esses desenhos estavam espalhados, mas ao longo dos anos consegui classificá-los em arquivos por família de plantas. É muito interessante poder reunir todas as Asteraceae, as Apocynaceae, as Violaceae etc, que pude desenhar ao redor do mundo.

EMANUELE COCCIA: Seus cadernos, que são absolutamente sublimes, se assemelham aos que serviam de instrumento de trabalho aos antropólogos dos séculos XIX e XX. Mas os seus são testemunhos do reino vegetal. Você considera as plantas do mesmo nível que os seres humanos. É lindo isso.

FRANCIS HALLÉ: Eu tenho um arrependimento: as pessoas me consideraram unicamente um botânico. Eu não me qualificaria como um etnógrafo, e também não me considero um artista. Porém quando eu

viajo, os países que visito me interessam tanto quanto as suas plantas. Os países tropicais me fascinam. É a parte menos conhecida e mais interessante do planeta. A noção de tempo, por exemplo, é diferente entre os trópicos e o território europeu. O tempo não tem o mesmo sentido. Eu sou europeu e vivo com o passado, presente e futuro e isso me parece tão óbvio que tenho muita dificuldade de imaginar que meu interlocutor africano ou asiático não tenha essas mesmas referências temporais que as minhas. Para eles tudo é circular. As coisas e os acontecimentos retornam regularmente. Quando se entende isso, o diálogo se transforma completamente.

EMANUELE COCCIA: Indonésia, Gabão, Galápagos, Malásia, Tasmânia, Tailândia... Você viajou o mundo para observar e desenhar árvores. Qual foi o seu maior encontro? Como você escolhe as árvores que vai desenhar?

FRANCIS HALLÉ: Não se pode apreciar a mesma árvore quando se está na África, na América ou na Ásia. Na África, é a moabi. Na América é a seringueira. Na Ásia é o durian. Na Europa ainda estou procurando a que mais gosto.

Eu me dedico principalmente a desenhar arquiteturas. Quando estou na floresta, sempre começo por uma árvore ideal, nem muito jovem nem muito grande, que revele ao máximo sua arquitetura. Nas florestas tropicais é bastante simples fazer isso porque encontramos facilmente árvores jovens. Percebe-se rapidamente que o formato de uma árvore, mesmo quando ela é jovem, nunca é aleatório. Cada espécie tem o seu “modelo arquitetônico”, isto é, o crescimento e o desenvolvimento de uma árvore segue um programa genético fundado em três princípios: primeiro, a distribuição dos galhos no tronco que pode ser contínua, rítmica – ou seja, um novo andar é adicionado a cada ano – ou irregular; ela também pode ser nula já que muitas árvores não possuem galhos, como as palmeiras. Em seguida, a orientação dos galhos, que pode ser vertical, oblíqua ou horizontal. Por fim, a posição das flores, que pode ser terminal, o que encerra o crescimento do eixo de sustentação na cabeça da flor, ou lateral, o que significa que nada impede esse eixo de continuar a crescer, ou seja, que ele pode ter um crescimento infinito.

É extremamente simples. Com esses três princípios você tem a base de uma combinação infinita. Este grande número de combinações possíveis é sem dúvida importantíssimo pois a arquitetura das árvores que conhecemos hoje – em torno de 100 mil espécies – utiliza apenas 24 modelos. Qualquer árvore que você olhar responderá a uma dessas arquiteturas. O desafio seria encontrar uma planta que não queira se conformar a um desses padrões!

EMANUELE COCCIA: Nos anos 1970, quando você começou a se interessar pela análise arquitetônica das árvores, não existia nada parecido sobre o assunto. Como você teve a ideia de estudar isso?

FRANCIS HALLÉ: Ao final dos meus estudos, eu era um botânico lineano². Para identificar uma planta eu precisava ver suas flores e frutos. Sem essas duas características eu não podia fazer nada. Quando cheguei à Costa do Marfim em 1966, havia florestas primárias magníficas, mas nenhuma flor ou fruto para se observar. E quando tinha, as flores estavam a sessenta metros do chão, totalmente inacessíveis, e os frutos caídos, podres ou machucados pela queda, eram impossíveis de se identificar. Era inacreditável. Um dia, conheci o chefe de uma aldeia **Baule** e precisei perguntar a ele:

“Chefe, como vocês chamam aquela árvore grande ali?”

“Aquele é uma amêndoa da Costa do Marfim?”

“Chefe, e como você sabe? Você já viu suas flores?”

Ele riu.

“Flores da amêndoa da Costa do Marfim? Não me preocupo com isso. Nem sei se ela dá flor”

Ele era um botânico extraordinário mas certamente não era lineano, pois ele não tinha a menor necessidade de ver flores e frutos para identificar as árvores. Ele continuou:

2. Naturalista sueco Carl von Linné (1707-1778) é o autor de uma classificação geral dos seres naturais (plantas, animais e minerais) de acordo com um sistema binomial. Ele está na origem da botânica moderna.

3. *Terminalia ivorensis*

“Olha. Essa árvore é uma amêndoa da Costa do Marfim, aquela é uma Dabema, aquela outra é um Abalé. Dá pra ver que não é a mesma coisa”.

E o que é que mudava? A arquitetura. Eu vivi aquele dia como uma verdadeira revolução intelectual e científica. Era possível ser botânico sem ser lineano. Foi a partir daquele momento que pude falar da evolução da família das plantas. Existem ancestrais de árvores tropicais cujos descendentes mais evoluídos, refinados e sofisticados, estão em altas latitudes na forma de ervas. Encontramos essa evolução em 90% das famílias de plantas.

EMANUELE COCCIA: Essa plasticidade, própria do mundo vegetal, não se encontra no reino animal. Eu sempre me perguntei por que esse modelo arquitetônico, plástico no sentido de “estrutural”, ficou invisível por séculos, seja para o Carl von Linné ou para outros naturalistas e botânicos.

FRANCIS HALLÉ: Eu não sei por que isso não foi estudado à época do Linné. Mas na nossa, tenho a sensação de que aquilo que é científico precisa ser muito complexo. Quanto mais o assunto é complicado, mais ele é considerado intelectualmente legítimo. Alguns dizem que o que eu faço não é sério, que eu trabalho a olho nu e que o mesmo trabalho poderia ser feito no século XVII. E é verdade! Não é difícil, meu material se resume a papel e lápis, é o que utilizo para desenhar as arquiteturas. Tudo isso é simples demais para que a ciência atual se interesse. Dito isso, a observação da arquitetura das árvores me leva a refletir sobre problemas genéticos sofisticados.

EMANUELE COCCIA: De fato, e observando as árvores, você aprofundou também o conceito de reiteração

FRANCIS HALLÉ: Jean-Henri Fabre já tinha visto e estudado o conceito de reiteração. Ele escreveu *Leçons à mon fils sur la botanique*, no qual explica que as árvores são colunares. Darwin também havia notado isso. Depois tudo ficou esquecido. Hoje sabemos que a arquitetura de uma árvore grande e velha envolve o conceito de reiteração. Admitir que uma árvore jovem pode crescer em uma árvore velha é uma ideia tão perturbadora!

Quando falamos em reiteração, não se trata de uma semente que germina, mas de um botão que se desperta: ele produz um caule frondoso cujas raízes se ancoram sob a casca e alcançam rapidamente o solo. Em seguida, o crescimento repete o modelo arquitetônico da espécie e a árvore portadora torna-se então uma colônia. Os antigos compreenderam bem o caráter parasitário do broto, daí os nomes que eles lhes deram em diversas línguas européias: *gourmand* em francês, *sucker* em inglês, *succhione* em italiano e *chupón* em espanhol.

Com esse conceito de reiteração podemos distinguir dois tipos de árvores, as “unitárias” e as “colunares”. As unitárias são desprovidas de reiteração. Isso significa que o seu crescimento se limita ao seu modelo arquitetônico. Elas têm uma forma simples e uma estética sedutora – são frequentemente usadas para decoração. As árvores colunares, por sua vez, reiteram em abundância. Elas são mais modernas, menos belas que as unitárias e, sobretudo, vivem muito mais. Na Tasmânia existe um arbusto *Lomatia tasmanica* muito famoso. Ele tem 43.000 anos – da época em que só havia duas espécies humanas, *Homo sapiens* e homem de Neandertal – e acontece de ser um clone de três quilômetros de comprimento. Esse arbusto não só está vivo, como não é nem um pouco velho. Se o deixarmos em paz, ele continuará a viver e a se reproduzir, não há qualquer razão para que morra. É fascinante! Será que estamos diante de uma árvore imortal que poderá resistir até às mudanças climáticas? Essa questão está em aberto e tudo isso nos leva a renovar inteiramente nossa visão sobre a vida.

EMANUELE COCCIA: É formidável como você mostrou algo que é, ao mesmo tempo, fundamental e muito belo. A botânica pode e deve nos dar uma visão completamente diferente da vida, enquanto a biologia ainda está muito voltada para os animais.

FRANCIS HALLÉ: Na realidade, a biologia é quase totalmente voltada para o ser humano. Para muitos zoólogos, o animal permite compreender e experimentar coisas que são impossíveis de fazer com o ser humano. A ideia de que o animal pode permitir uma compreensão sobre os seres humanos é antiga, remonta à Antiguidade grega e à Aristóteles.

Com as plantas estou protegido dessa digressão. A planta é a alteridade absoluta dos seres humanos. Além disso, ela não se move nem faz barulho. Nós as julgamos por isso como uma forma de vida naturalmente desinteressante.

EMANUELE COCCIA: É verdade que existe uma certa negligência dos humanos em relação às plantas. Há uma espécie de medo, eu diria até uma raiva, desses seres vivos a quem negamos a possibilidade da vida.

FRANCIS HALLÉ: O medo está ligado à floresta, não às plantas. Esse sentimento é muito antigo, remonta à civilização romana. Para os romanos, a floresta era o lugar do “estrangeiro”: na floresta se escondiam os bárbaros. Aliás, a palavra francesa *forêt* vem do latim *foris*, que significa ‘no exterior’. Em inglês, *foreign* é aquilo que não se pode conhecer, que é distante demais. Talvez seja a nossa herança ecológica da Antiguidade que quer que as árvores continuem a ser consideradas como um material para o comércio, o que não é muito elogioso. Ficamos nessa: o medo da floresta e a vontade de vender madeira.

EMANUELE COCCIA: Porém o seu trabalho provocou uma tomada de consciência no plano intelectual. A alteridade passou a ser posta em prática e a ser aceita.

FRANCIS HALLÉ: Em parte é verdade. Mas isso não atinge os madeireiros. Quando isso chegar neles, já não haverá mais florestas. É terrível assistir à sua destruição. Se meus contemporâneos pudessem ver as florestas primárias da Tasmânia, eles ficariam tão estupefatos! Elas ficam no outro hemisfério, mas na mesma latitude daqui da Europa. Não muito longe daqui, na Polônia, a floresta primária de Bialowieza também está em perigo. Quando tomei consciência dessa ameaça, senti que havia chegado a hora de reagir promovendo o renascimento de uma floresta primária na Europa Ocidental, espalhada por vários países. Esse é um dos meus próximos projetos. As pessoas vão poder entrar, mas só pelo dossel, para não danificar nada. Por enquanto nada foi lançado oficialmente, mas acho que em breve será. Há um lado subversivo na

realização desse projeto, pois na nossa sociedade atual tudo tem que acontecer muito rápido. Mas essa aventura é uma aposta de mais de mil anos, uma aposta em uma colaboração intergeracional.

EMANUELE COCCIA: Você insiste muito sobre o tempo. A árvore é um dos seres vivos que têm capacidade de viver por muito tempo.

FRANCIS HALLÉ: Sim, e por muito mais tempo que nós. Aqui em Montpellier, nosso jornal local *Midi Libre* propôs admirar uma oliveira de 100 anos. Isso é ridículo, uma oliveira de 100 anos é uma criança pequena! A partir dos 2 mil anos é que começa a ficar interessante.

EMANUELE COCCIA: Como você explica a longevidade das árvores?

FRANCIS HALLÉ: Existe uma resposta de curto prazo e outra de longo prazo. Uma equipe de cientistas da Universidade de Oviedo, no norte da Espanha, mostrou que nos humanos, as metilações⁴ dos genes acontecem ao longo de toda a vida, enquanto nas árvores elas só acontecem anualmente. O botão que se abre na primavera é totalmente juvenil. Todos os genes estão desmetilados e vão se metilando gradualmente durante o verão. Há desmetilases na primavera seguinte e tudo recomeça do zero. A primeira resposta é então que a árvore permanece jovem. Mas isso só é verdade por algumas centenas de anos. A segunda razão, que explica porque algumas árvores podem viver por milhares de anos, é que elas são capazes de propagação vegetativa – da qual os seres humanos são absolutamente incapazes! A primeira árvore dá brotos pelas raízes, ou senão cai e gera brotos. Ela tem 36 possibilidades de propagação vegetativa sem limite de tempo. Considera-se hoje que só uma centena de árvores possuem essa imortalidade.

EMANUELE COCCIA: A árvore pode ter uma vida longa, mas é frequentemente ameaçada por seu ambiente!

4. Substituição, em uma molécula, de um radical de metilo por um átomo de hidrogênio.

FRANCIS HALLÉ: A vida de uma planta não é fácil pois ela é comestível e fixa. Para escapar da morte, a primeira solução é simplesmente ser muito maior e mais alta que seu predador. As árvores são de fato muito mais volumosas, é o que elas fazem para não desaparecer. O animal pode lhe comer um pedaço, até mesmo grande, mas ela continuará a crescer. É o crescimento ilimitado da árvore que permite essas dimensões. São dimensões adaptativas contra os predadores.

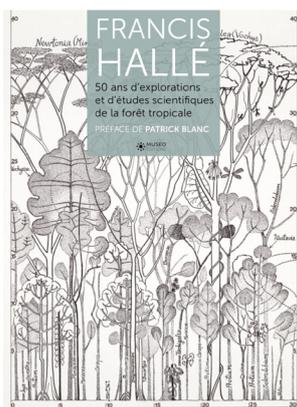
EMANUELE COCCIA: Apesar do seu tamanho impressionante, as árvores ou as plantas não são vistas pelos homens e mulheres da mesma forma que os animais. Isso é muito impressionante e começa desde muito cedo. Nos livros infantis, por exemplo, os animais sempre têm uma identidade: há o leão, a pantera, etc.; mas as plantas são somente manchas verdes. Nunca é algo preciso.

FRANCIS HALLÉ: É verdade. Olhamos para os animais, mas somos insensíveis às árvores. Essa comparação entre plantas e animais sempre foi extraordinariamente fértil para mim. Não cessamos de encontrar diferenças entre plantas e animais em todas as áreas. Quando os animais comem, a energia entra em seus corpos por superfícies internas, a superfície digestiva. Com as plantas ocorre o contrário: a energia penetra pela superfície externa. Observar a superfície externa da planta nos ensina praticamente tudo o que é preciso saber sobre ela. Não há ambiente interno. Não é oco. Nós, os animais, somos todos ocos. Nós somos volumes, enquanto elas são superfícies.

Para viver, nós, pobres animais, temos que correr atrás do nosso alimento. Já a planta se alimenta expondo-se ao sol com os pés na terra úmida.

O excremento das plantas é a molécula de lignina que serve para manter os vasos sanguíneos abertos. De modo geral, os animais não se interessam por seus excrementos. Eles são inclusive evacuados pela parte traseira do corpo e os animais depois se afastam pois eles não têm qualquer utilidade. As plantas, ao contrário, armazenam seus excrementos e os utilizam por toda vida.

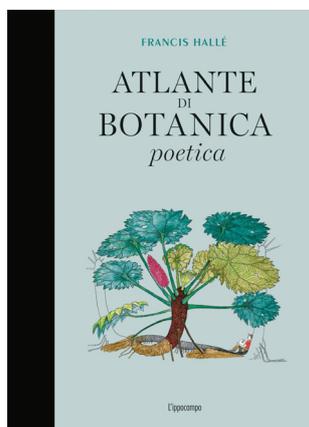
Outra oposição: as plantas são muito mais móveis do que os animais. Se um animal perigoso foge do jardim zoológico, ele será morto



em 48 horas. Se uma semente voa de um jardim botânico e cai em um penhasco a 10km, nada acontecerá. Cinquenta anos depois, um botânico meio astuto acha que essa planta estranha o lembra a Venezuela e se pergunta o que ela faz ali. Como não é um perigo imediato, ele sequer comunica as autoridades. A planta irá se multiplicar e é assim que as falésias da *Côte d'Azur* ou da Riviera italiana estão cobertas de plantas da Venezuela. As pessoas nem sabem disso. As árvores têm uma liberdade que os animais não têm. Elas têm um completo anonimato.

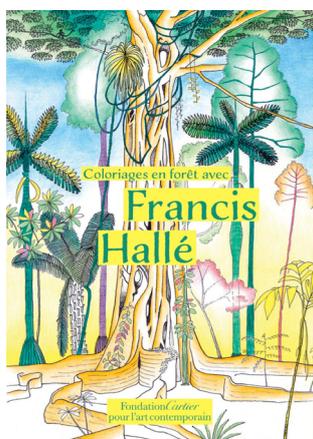
EMANUELE COCCIA: É uma sorte!

FRANCIS HALLÉ: Muitas vezes a solução vegetal foi desprezada, ainda a desprezamos, mas na verdade ela é bem melhor. Se não mudarmos nosso olhar sobre a ecologia mundial, nossas sociedades irão cada vez pior. Essa mudança ainda é utópica no momento, mas ela é realmente necessária, do contrário, nosso mundo não existirá por muito tempo. É doloroso para o ser humano pois ele cai do seu pedestal. Acho que desde Copérnico, Darwin e agora o movimento a favor das plantas, a espécie humana está decaindo um nível a cada vez. Ela perde sua posição central. Um dia, um amigo me perguntou: “Se o ser humano desaparecesse, quem se incomodaria além de nós?”. Achei meio duro mas é verdade.



MONTPELLIER, JANEIRO DE 2019

Entrevista realizada para a exposição *Nous les Arbres*, apresentada na *Fondation Cartier pour l'art contemporain*, Paris, de 12 de Julho a 10 de Novembro de 2019, e publicada no catálogo *Nous les Arbres*, Éditions *Fondation Cartier pour l'art contemporain*, Paris, 2019.



Outras leituras

EMANUELE COCCIA (1976)

Nasceu em Fermo, na Itália. Até os 19 anos de idade, estudou no Instituto Técnico Agrário Garibaldi, em Macerata, razão pela qual manteve seu olhar dirigido às plantas durante seus altos estudos em filosofia. Coccia transita por importantes centros acadêmicos em Florença, Berlim, Friburgo, Nova York e Paris. É professor titular de filosofia na EHESS em Paris. Suas obras têm sido traduzidas em diversos países e propõem a ampliação da percepção da vida, de seus sistemas e do mundo. No Brasil, seus livros *A vida das plantas* (Cultura e Barbárie, 2018) e *Metamorfoses* (Dantes, 2020) estão disponíveis. É pai de Colette.

FRANCIS HALLÉ (1938)

Nascido na França, fez seus estudos universitários na Sorbonne, em Paris. Suas duas especialidades científicas são a ecologia das florestas tropicais e a arquitetura das árvores.

Todas suas pesquisas foram dedicadas às plantas tropicais, sobretudo aquelas de florestas úmidas de baixa altitude. Entre 1960 e 2004, publicou sessenta e três trabalhos científicos, em francês, inglês, espanhol ou português.

AGRADECIMENTOS

Fondation Cartier pour l'art contemporain
Instituto Clima e Sociedade
Conservação Internacional Brasil

Fondation *Cartier*
pour l'art contemporain

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem.

Mais informações em selvagemciclo.com.br

Este caderno conta com a especial colaboração de Silvia Naidin, que traduziu o texto original do francês. Agradecemos também a Luisa Moraes pela revisão do texto e a Isabelle Passos pela editoração.

SILVIA NAIDIN

É antropóloga, mestre pela École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris e doutora pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

LUISA MORAIS

Crescida no Vale do Jequitinhonha, na cidade de Minas Novas, em Minas Gerais. Luisa mudou-se para Belo Horizonte para seguir seus estudos e obteve licenciatura português-francês pela UFMG. Atualmente trabalha como tradutora e professora de francês.

ISABELLE PASSOS

Artista Visual, percorre caminhos entre as imagens e as palavras. Mantém seu ateliê e residência em São Paulo, onde pesquisa o desenho como uma forma de elaborar a anatomia do inconsciente. No Selvagem, trabalha com o desenho gráfico e construção de imagens.